



Universidade Federal do Rio Grande - FURG

Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental

Revista do PPGEA/FURG-RS

ISSN 1517-1256

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental

## **Concepções de ética e de solidariedade: anúncios de uma epistemologia da complexidade para a educação ambiental**

Luciana Roso Arrial<sup>1</sup>

Humberto Calloni<sup>2</sup>

**Resumo:** Trata-se de refletir acerca das concepções de ética e de solidariedade no horizonte da complexidade. Os seres humanos, dotados de consciência e responsabilidade, necessitam refletir sobre as alternativas possíveis antes de tomarem decisões. Atualmente, mais que nunca, a noção de solidariedade é imprescindível para que as decisões tomadas visem ao caráter regenerativo da qualidade de vida do indivíduo, da sociedade e da espécie integrando, sem desintegrar, as diferentes expressões étnicas e culturais que constituem a riqueza da epopéia humana. É neste sentido que a solidariedade reveste-se em ética necessária às tomadas de decisões que dizem respeito a nossa espécie, a nossa cultura e a nossa individualidade como sentimento de unidade na diversidade no âmbito das diferentes formas de vida com que a Natureza se expressa e se realiza.

**Palavras-chave:** Ética, Solidariedade, Educação Ambiental.

### **Concepts of ethics and sympathy: signs of the epistemology of complexity for environmental education**

**Abstract:** This study aims at reflecting on the concepts of Ethics and sympathy in the light of complexity. Human beings, endowed with conscience and responsibility, need to reflect on available alternatives before taking decisions. Nowadays, more than ever, the notion of sympathy has been indispensable so that decisions taken by individuals can aim at regenerating their quality of life, besides the society's and the species', by integrating, rather than disintegrating, different ethnical and cultural expressions which constitute the richness of humanity's achievements. Therefore, from this perspective, sympathy intertwines Ethics which is necessary to the decision-making process related to our species, culture and individuality as a feeling of uniqueness in the diversity of forms of life in which Nature expresses itself.

**Keywords:** Ethics, Sympathy, Environmental Education.

<sup>1</sup> Arquiteta e Urbanista, Especialista em Gráfica Digital, Mestre em Educação Ambiental, Doutoranda em Educação Ambiental, Professora do IFSul - câmpus Pelotas/RS. E-mail: [luciana.rosoarrial@gmail.com](mailto:luciana.rosoarrial@gmail.com)

<sup>2</sup> Licenciado em Filosofia e Pedagogia (UFRGS), Mestre e Doutor em Educação (UFRGS), Professor de Filosofia (FURG), Educação Ambiental e Complexidade (PPGEA/FURG). E-mail: [hcalloni@mikrus.com.br](mailto:hcalloni@mikrus.com.br)

## Considerações iniciais

A crise ética da nossa época é, ao mesmo tempo, crise da religação indivíduo/sociedade/espécie. Importa refundar a ética: regenerar as suas fontes de responsabilidade-solidariedade significa, ao mesmo tempo, regenerar o circuito de religação indivíduo-espécie-sociedade na e pela regeneração de cada uma dessas instâncias. Essa regeneração pode partir do despertar interior da consciência moral, do surgimento de uma fé ou de uma esperança, de uma crise, de um sofrimento, de um amor e, hoje, do chamado vindo do vazio ético, da necessidade que vem da deterioração ética.

Edgar Morin

Silvino Santin destaca a ética e a estética como reafirmações do vivido pelo homem contemporâneo, notadamente em uma época de hiperindividualismo e racionalidade técnica, onde “(...) a redescoberta da ética e da estética poderá representar a própria sobrevivência do humano do homem” (SANTIN, 1995, p.50). Por mais que seja difícil romper com uma racionalidade imposta, esboça-se a possibilidade de um mundo que enfrente a barbárie a partir da formação de um ser humano *mais humano*, íntegro, menos corruptível e “selvagem”; de uma sociedade em que a justiça prevaleça para todos, que se erradique a violência e desigualdades sociais. “A barbárie fermenta em cada um de nós nossa própria barbárie interior e nos autojustifica sem parar, faz-nos mentir para nós mesmos (...)” (MORIN, 2005b, p. 200). Pois o vivido representa, segundo Santin (1995, p. 54), “uma rebeldia e uma fuga das racionalizações e legitimações da normalidade racional, porque é moldado por afetos não explicados, por sentimentos indefinidos, por emoções confusas”.

Trata-se de romper com as barreiras que dificultam a nossa existência racional também como expressão da vivência sensível, cotidiana, das relações com o mundo vivido, favorecendo a criação de mecanismos que levem as pessoas às mesmas oportunidades e à liberdade de escolha e ação, por meio de uma condição social possível.

A ética remete à consciência de que não somos o centro do universo, mas sujeitos ligados a sujeitos, percebendo uma religação com o outro, religação com uma comunidade, religação com a espécie humana e não humana, planetária. Uma ética complexa que leve em conta a “ecologia da ação”<sup>3</sup>, favorecendo a compreensão dos processos de ações e retroações entre o bem e o mal e nos situando-se na autoanálise diária das nossas motivações cujo escopo nem sempre nos é consciente.

---

<sup>3</sup> “Ecologia da ação” refere-se ao fato de que as nossas faces de boas intenções sofram possíveis perturbações ao longo dos seus objetivos, podendo não realizar os seus ideais propostos inicialmente através da ação e retroação em seu decorrer. N. A.

Num período epocal em que o hiperindividualismo parece se destacar como projeto de uma racionalização de mercado (portanto, como desvio da racionalidade que facultaria ao humano o caráter *homo sapiens*) a solidariedade é um sentimento de caráter subjetivo que resiste à barbárie externa e interna ao redefinir as nossas ações de forma coletiva sem que percamos a nossa individualidade e ao mesmo tempo nos abre os caminhos de práticas de cidadania. Assim que a solidariedade é, antes de tudo, concretude das relações, pois une racional e afetivamente os seres humanos entre si e não menos os demais seres da natureza, dado que a compreensão e a autoanálise diária transcendem a nossa espécie e nos religa ao todo planetário.

### **A construção de uma ética**

O ser humano vive a partir de muitas manifestações e é ao mesmo tempo múltiplo e singular. É *homo demens*: afetivo, ansioso, apaixonado, exaltado, que se descobre entre o afeto e a antipatia, o abstrato e o concreto. Alimenta-se do presente, mas também de ilusões e de memórias.

Viver demanda ao ser humano compreender a vida em todas as suas possibilidades. A partir da consciência da sua existência, o ser humano analisa suas posturas e suas convicções diariamente e, então, para que possa atingir a verdade e o conhecimento, a plenitude de sua consciência, se faz necessário permanecer ou mesmo alterar a sua relação com os outros e com o mundo. A partir da consciência de si, dos seus erros e acertos, pode compreender os outros seres humanos. A consciência de si, de seus atos e de suas convicções, conduz a uma autoanálise, cuja prática direciona a alteridade. É através desta autoanálise que nos dirigimos aos princípios necessários para uma vida em sociedade.

Na construção de sua teoria sobre a ética, o filósofo francês Edgar Morin (1921 - ) sustenta-se a partir de três fontes: uma fonte interna, equivalente à consciência do sujeito; uma fonte externa, representada pela cultura, pelas crenças e pelas normas pré-estabelecidas na comunidade (noosfera); e de uma fonte anterior própria à organização dos seres vivos e transmitida geneticamente.

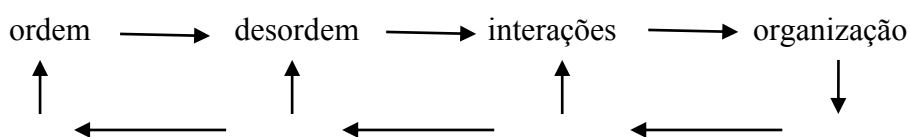
No processo de autoafirmação de inclusão, o seu Eu inclui-se em um Nós, na família, nas solidariedades, nas relações sociais. Inclui-se como um ponto hologramático, desde o seu nascimento até a morte, através do apego às pessoas próximas. A inclusão responde pela consciência de um “nós” coletivo, onde o sentido da solidariedade encontra-

se vinculado ao processo de fortalecimento das relações de pertencimento a uma comunidade, a uma sociedade e da construção de uma cidadania.

Para o filósofo, o princípio de inclusão rivaliza com o de exclusão e é ele – o princípio de inclusão - que faz o indivíduo sentir-se parte de uma coletividade. Ele transforma o *eu* em *nós* e pode se expressar na forma de altruísmo, favorecendo atos eticamente desejáveis. O sujeito moral vive, então, oscilando entre o caráter vital do egocentrismo e o potencial existente em cada sujeito para a prática do altruísmo, considerando que a existência de ambos, egoísmo e altruísmo, se dirige ao olhar sobre a ética experimentada pela indivíduo/sujeito, em uma relação de reconstrução entre a história da vida, a história da cultura e a história individual.

Ainda segundo Morin, o princípio de exclusão é antagonístico à alteridade e é o responsável pela identidade singular de cada sujeito. Este princípio se expressa como egocentrismo, o qual pode vir a se tornar egoísmo, caso haja um fechamento à abertura em relação ao outro (*ego-alter*). O princípio de exclusão define-se como um fechamento ao outro, que inclui a concorrência e o antagonismo em relação ao seu próximo. Assim, ora carrega o amor pelo outro, ora a morte do outro, garantindo a identidade do “eu mesmo” (*alter-ego*).

O filósofo esclarece que o nosso mundo cósmico, planetário, biológico comparecem forças de separação, dispersão e aniquilação, que continuam a se desencadear, ao mesmo tempo em que surgem as forças de religação. A partir da interação dessas forças presentes em todos os sistemas e subsistemas existentes na natureza, nos indivíduos e nas sociedades, ocorrem fenômenos organizacionais dos seus elementos constituintes em constantes transformações, onde a permanência (ordem), a desordem (desagregação) e a (re)organização representam forças que são, ao mesmo tempo, antagônicas, concorrentes e complementares. Em todos os processos vitais a dispersão ou desagregação/degradação é acompanhada pela reorganização dos elementos constituintes, isto é, a regeneração. Contudo, o processo de regeneração vital torna-se impossível quando as forças de degradação suplantam as retroações. O fenômeno da morte teria esse caráter.



Segundo Morin, as forças de religação são minoritárias em relação às forças de dispersão, de separação e aniquilação, que, no caso das sociedades, poderíamos exemplificar com às barbáries (atrocidades) e às crueldades. Mas, como vimos, são as forças de religação que criam a diversidade da vida, numa dialógica de criação-destruição (gênese e destruição). A resistência à crueldade dos humanos no mundo é fortalecida pela ética da religação, da consciência de pertencimento ao todo que constitui a vida e a civilidade constituída pela justiça, amorosidade e esperança.

A construção de uma ética de Si e para si (cuja referência é sempre o Outro) ou autoética acontece em conformidade com o meio, mas mantendo a integridade individual (*autos*) através da constante reflexão de Si sobre si, que decide ser ou não ser o protagonista da ação; o anel recursivo da auto-eco-organização inclui os acasos, os imprevistos, os encontros aleatórios que podem reforçar ou inibir as interações entre indivíduos/sujeitos, seus horizontes interpretativos, suas crenças, teorias e práticas que doam sentido e significado à vida subjetiva. Esse processo está sempre se renovando por meio das relações (interações) sociais.

Para Morin, portanto, existem ideias-guias ou princípios operativos de ética, tais como:

- a ética da religação, que se opõe ao que disjunta, reduz e fragmenta; a ética da religação entrelaça todas as formas de fraternidade e solidariedade, para a reconstrução individual e coletiva;
- a ética do debate, que argumenta, que se comunica e que rejeita o desprezo;
- a ética da compreensão, que permite o conhecimento do sujeito em toda sua multidimensionalidade; a compreensão permite que as relações humanas se tornem menos abomináveis;
- a ética da magnanimidade, que se contrapõe à barbárie e ao preconceito, para romper com o ciclo do ódio, do desprezo e da tortura;
- a ética da boa vontade, para assumirmos a condição humana com a sabedoria que integra a racionalidade e a loucura da vida, com incitação às boas vontades;
- a ética da resistência, para combater as barbáries que se desenvolvem no mundo para termos futuro.

Na visão de Morin, o sujeito é aquele capaz de se auto-organizar e de estabelecer relações com o outro, transcendendo-se e superando-se, transformando a si mesmo e o meio ambiente em que age. É que a auto-eco-organização possibilita também a abertura ou transcendência de si para Si a partir de sua dimensão ética endereçada, em última análise, ao Outro, como já salientamos, e que se constitui pela reflexão de suas decisões, de suas escolhas, de seus valores e ideais.

Para a ética não basta ao sujeito a vontade da boa ação, mas de analisar se corresponde ao que tencionava para si, para a sociedade e, no limite, para o planeta. É neste sentido que a ética pode ser complexificada e entendida como um anel recursivo entre o querer, o dever e o poder (O que posso fazer? O que devo fazer? O que quero fazer?). Como vemos, a noção de ética complexa assume sua derradeira reflexão na ordem do cotidiano em que somos instigados a decidir onde há ambivalências de desejos ou necessidades, mormente distintas e contrárias entre si.

As decisões tomadas, ainda que visem ao bem, ao bom e ao belo, podem trair nossas expectativas por conta do que Morin denomina de “ecologia da ação”. Mas o filósofo nos convida a compreender a incompreensão resultante das ações e retroações que se processam no interregno entre a intenção ética e o seu resultado prático. Essa compreensão é fundamental para a civilização do espírito. Na nossa opinião, talvez aqui resida o desafio maior da cultura e sua possibilidade de transgredir o pensamento simplificador da *moralina* (o conceito é de Nietzsche) que pretende condenar o todo pela parte. A incompreensão agente ético e/ou do Outro pode ser combatida investigando as razões subjetivas e socioculturais que a provocam e pelas possibilidades de compreensão, no sentido de abordar de forma complexa os conflitos. É esse procedimento que torna ser possível o perdão, como uma força redentora e regeneradora na direção do Outro.

A ética só adquire o seu sentido como prática (práxis) quando nos posicionamos crítica e criativamente no espaço que vivenciamos e quando escolhemos pensar e fazer o bem; quando percebemos o Outro na sua dimensão humana compartilhada conosco, respeitando-o como cidadão da mesma Pátria Terra, em uma comunidade de destino (Morin), entendendo e compreendendo suas ideias e seus sentimentos. Mas tudo isso não é suficiente se existe a incompreensão e a cegueira quanto ao Outro, no egocentrismo

exacerbado, na autojustificação, na *self deception*, para a qual o filósofo nos alerta quanto ao “fechamento” face ao outro.

Em outras palavras, precisamos reaprender a viver, a amar, a partilhar, a comungar e a comunicar enquanto humanos no planeta Terra. Mas todos estamos ameaçados pela morte dos valores de comum-idade, embora saibamos do enorme poder da regeneração. De fato, concordamos com Morin quanto à necessidade de uma reforma do pensamento que, por seu turno, é também uma reforma da sociedade, seus valores e seus ideais. Trata-se do pensar bem, do agir bem, do sentir bem. Reformar o pensamento não é adaptá-lo para uma causa comum, uma religião ou filosofia. Trata-se de capacitá-lo a perceber a complexidade da realidade, seja ela qual for, cujos tecidos não são reduzíveis a um determinante, mas a um conjunto infinito de elementos que a tecem.

As questões éticas devem fazer parte da vivência democrática em sociedade e para isso, requerem a formação da consciência do indivíduo/sujeito, bem como do conjunto da comunidade. Assim, o sujeito, que é autônomo e que age conscientemente, ainda que tensionado por pressões externas (ideologias) ou internas (*imprintings* ou normas morais), tem a seu favor a reflexão, que é a capacidade racional para deliberar acerca de suas vontades com determinada liberdade de ação no âmbito de sua comunidade, ainda que, insistimos, esteja sempre situado por pressões internas e externas.

Para Morin, o indivíduo “deve” possuir a mesma dignidade científica da espécie. Digamos melhor: se a espécie é o universal, o geral (no caso, Homem), o indivíduo é o particular que representa a espécie, o universal. A sociologia tem introduzido a noção de indivíduo, mas este ficou diluído na quantidade, no somatório dos fenômenos sociais humanos, não sendo considerado como produto/produzidor do social senão apenas estatisticamente. Em suma, a noção de “indivíduo” tem sua origem na sociologia, na então denominada “física social” cunhada pelo positivismo de Augusto Comte e o “sujeito” tem sua origem na reflexão ou abstração filosófica a que Michel Foucault o lembrará como “uma criação recente”. Ambos, indivíduo e sujeito ficaram subsumidos e separados por séculos nas considerações científicas e humanísticas. Ora, para que exista um sujeito, segundo Morin, é fundamental que ele tenha um suporte físico (*physis*) como “indivíduo” representante de uma determinada espécie. Por isso, para a complexidade, há uma dialógica entre indivíduo e sujeito, onde ambos são ao mesmo tempo distintos, concorrentes e complementares. Para Morin, não se pode compreender a existência de um sujeito sem o indivíduo que o suporta, que o sustenta fenomenologicamente e não poderia

haver indivíduo sem que seja ao mesmo tempo sujeito, pois todo o sujeito é um sujeito *computante e cogitante*, que calcula e pensa. Ou seja, o sujeito, historicamente considerado somente do ponto de vista metafísico ou objeto do conhecimento teórico (sujeito epistêmico) passa a ser percebido, agora, como determinante da ciência, ao arripio aristotélico. É daí que não podemos mais separar, mas apenas distinguir, sujeito e indivíduo. É por isso que Morin insiste no pensar o indivíduo como sujeito e sujeito como indivíduo, ou seja: indivíduo/sujeito.

Vários são os fatores que contribuem para que o indivíduo/sujeito haja de forma autônoma, ainda que sempre dependente. Por exemplo, a educação escolar formal ou informal cria dependências, o processo cultural, as histórias de vida, os processos políticos, é um círculo de dependências. Liberdades de expressão, de criação, de voz e de vez, nem sempre são fáceis de adquirir. Pensamos que há uma liberdade condicionada, como no caso do Big Brother, em que estamos sob determinações de um “olhar invisível”. Aqueles que não se enquadram estão condenados à exclusão. Portanto, sempre teremos autonomia-dependência, nos mais diferentes estágios de conhecimento do indivíduo/sujeito.

### **O conceito de solidariedade**

É interessante constatar que as relações solidárias gozam da mesma natureza genésica da dialógica do indivíduo/sujeito, isto é, o compartilhamento indissociável entre a estrutura “bio-lógica” e a organização computacional e estratégica do sujeito. O mesmo ocorre com a dialógica corpo e alma, ou melhor, corpo e espírito, onde ambos os conceitos estão relativizados entre si, queremos dizer, um “é” em função do outro, ou seja, um só é/existe na medida em que o outro também é/existe.

Assim também, as relações de solidariedade demonstram que o compartilhamento (material, afetivo, valorativo, empático, e assim por diante) é uma característica hominídea que possibilitou a trajetória evolutiva do *homo-sapiens-demens*, seja enquanto ente gregário seja como ente inacabado em seu desenvolvimento psico-afetivo. Daí que as relações de solidariedade entre diálogos de diferentes naturezas, também estão presentes na relação de compartilhamento entre um e outro, entre sujeitos de uma mesma relação, tal como ocorre na relação corpo-espírito, onde “um e outro são inseparáveis, nem um nem outro é “o primeiro”. Temos que compreender plenamente que a noção-anel de “*autos*” é produtivamente anterior às noções de corpo, de alma, de espírito, e que a noção-anel de indivíduo-sujeito é logicamente anterior a elas.” (MORIN, 2002, p. 321)

O prefixo *autos* permite a compreensão da autonomia organizacional, reconhecida como unidade viva elementar, que nos leva a compreender a ideia de uma organização que se auto-organiza. Assim, a ideia de *autos* está arraigada na dimensão da solidariedade, pois este dinamismo organizador é, de certo modo, o animador de todos os processos humanizados e não humanizados e é denominado de *animus*.

Neste dinamismo organizador (*animus*) encontramos o *computo*. O *animus*, fenômeno dinâmico, alia em si a *práxis* física do ser vivo e a atividade computacional/informacional de caráter egocêntrico, caracterizada pelo *computo*, deste mesmo ser vivo. Estas atividades são alimentadas por energias físicas (fonte externa), mas que ao mesmo tempo governam/controlam estas energias. Morin nos indica que “o *animus* é o produto/produtor da unidade de um motor vivo e de um *computo*” (2002, p. 319).

O desenvolvimento interior da inteligência, da sensibilidade, da afetividade e da solidariedade é proporcionado pelas ações, interações e retroações no mundo exterior, os quais são proporcionados pelas mesmas.

Morin (2002, p. 248) define que o conhecimento

desenvolve-se como conhecimento do mundo exterior. A inteligência cerebral está quase sempre voltada para a estratégia. A afetividade interioriza os acontecimentos e perturbações do exterior. Isto significa que o *computo* cerebral se encontra sempre, de modo simultâneo, em estado de conhecimento, de sensibilidade, de ação.

Existe aqui uma relação profunda e complexa entre *animus*, psiquismo e espírito/mente. Em nós, seres humanos, estão profundamente indissociados uns dos outros. Por esta razão, podemos conceber uma unidade entre corpo (material) e psiquismo (espiritual), pois estes dependem do mesmo processo que “é simultaneamente psíquico/biológico/computante” (MORIN, 2002, p. 320).

Tanto o psiquismo quanto o espírito/mente ganharam uma complexidade inaudita na evolução da espécie humana. A dimensão antropossocial possibilitou, nas relações estabelecidas entre os seres humanos, a complexificação do psiquismo e do espírito humano, inseparável da simultânea complexificação da corporeidade. Daí que Coelho (1998, p. 63) percebe que “a solidariedade, não só como pensamento abstrato, mas sim referida à concretude das relações que ligam efetivamente os seres humanos uns aos outros, porque todos nós procedemos de um tronco comum: o *Anthropos*”.

Mariotti (2000, p. 296) comenta sobre as tribos africanas que vivem abaixo do deserto do Saara “a ética *ubuntu*, que vem da tradição *Umntu ngumuntu nagabantu*, que em zulu significa “uma pessoa se torna pessoa por causa das outras”. O não envolvimento com o outro implica o não envolvimento com a vida.

É interessante observar que Mariotti (2000, p. 269) afirma que “não há desenvolvimento humano sem compartilhamento. Quanto mais interdependente mais independência”. Para Morin, “*mutatis mutantis*”, quanto maior a dependência maior a autonomia.

A solidariedade, para Mariotti (2000, p. 271) é “o modo fundamental de desenvolvimento do potencial humano. Se trabalharmos para incrementá-la estaremos envolvidos numa rede produtiva, mesmo sem perceber”. Nesta condição, nas situações difíceis, é fácil perceber que retomamos um diálogo com colegas, amigos, familiares, diminuindo as possibilidades de autoritarismo com aumento das possibilidades de cooperação.

Morin (2005a, p.100) relata que, “enquanto a solidariedade alimenta a nossa responsabilidade, a ecologia da ação mina-a. Com efeito, o sentido das nossas ações éticas pode ser desviado ou pervertido pelas condições do meio em que se realizam.”

O conceito de solidariedade pode se fundamentar nas seguintes guias da complexidade, que se constroem a partir de princípios éticos em conformidade com o meio, sendo: a ética da religação, a ética do diálogo, a ética da compreensão, a ética da magnanimidade, a ética da boa vontade e a ética da resistência.

A ética da religação entrelaça todas as formas de vínculos e fraternidade para a reconstrução individual e coletiva. “É um pequeno instrumento de resistência à barbárie” (MORIN, 1998, p. 76).

Nos indivíduos, as forças de religação acontecem a partir da responsabilidade, da iniciativa, da cooperação, da solidariedade, mas não existem critérios para definir uma vida racional ou não, pois na vida o nosso elemento *sapiens* deve conviver com o elemento *demens* como concorrentes e complementares.

Quanto mais o ser humano for independente (autônomo), mais ele necessita da dependência e maior será a necessidade de religação. Quanto mais reconhece a necessidade de religação, maior será o reconhecimento da necessidade dos sentimentos de afetividade

entre os seres humanos. Neste caso, encontramos a presença da ética da amizade, a solidariedade, o amor.

Assumir o nosso destino cósmico, físico, biológico, conforme Morin (2005b, p. 39) é assumir a morte mesmo combatendo-a. Contudo, experimentamos uma afirmação humana do “viver na poesia, na religião e no amor. A ética é religião e religião é ética.”

Diz o filósofo:

E nosso mundo de homens, no qual as forças de separação, recolhimento, ruptura, deslocamento, ódio, são cada vez mais poderosas, mais do que sonhar com a harmonia geral ou com o paraíso, devemos reconhecer a necessidade vital, social e ética de amizade, de afeição e de amor pelos seres humanos, os quais, sem isso, viveriam de hostilidade e de agressividade, tornando-se amargos ou perecendo. (MORIN, 2005b, p.36)

As forças de dispersão são maiores quanto mais complexas são as compreensões sobre a vida e a realidade humana. “Visto que o mais complexo comporta a maior diversidade, a maior autonomia, o maior grau de liberdade e o maior risco de dispersão, a solidariedade, a amizade e o amor são o cimento vital da complexidade humana” (MORIN, 2005b, p. 36). Daí que, para a complexidade, ética é religião. Religião do indivíduo/sujeito – espécie e sociedade. Cabe ao indivíduo/sujeito, agora, a responsabilidade de tecer essa triunidade fundamental, sendo que:

A ética, isolada, não tem mais um fundamento anterior ou exterior que a justifique, embora possa continuar presente no indivíduo como aspiração ao bem ou repugnância ao mal. Só tem a si mesma como fundamento, ou seja, seu rigor, seu sentido do dever... Mas é no indivíduo que se situa a decisão ética; cabe a ele escolher os seus valores e as suas finalidades. (MORIN, 2005b, p.29)

Morin reflete a ética do diálogo como o método mais eficaz na construção da autocrítica e oportuniza os indivíduos a estruturação das informações de forma complexa. O diálogo é uma das produções de conhecimento e a virtualidade também, que a humanidade elaborou, tornando possível relacionar as mais variadas áreas da ciência com contextos distintos.

A partir do diálogo, na diversidade, no pluralismo que se traduz nas diversas formas de vida, o sujeito se estabelece, isto é, no desprender-se do rotulado, para aceitar o desafio

do diferente ainda que paradigmático. Através do compreender as conexões, compreender também a prática social e descrevê-la, pondo ênfase nas suas relações com as outras práticas individuais e coletivas. É necessário, também, ter o sentido dialógico, entender os processos concorrentes, contraditórios e complementares que definem estas instâncias do diálogo humano.

Entretanto, para que haja diálogo é necessária também a ética da compreensão, que permite o reconhecimento do sujeito educando em toda sua multidimensionalidade; isto é, o resgate da inteireza do ser humano. Ética da (com)paixão, como assevera Almeida,

Paciência, tenacidade, partilha, compaixão, descomedimento, vigor, dor, alegria, coragem, excessos, solidão, incertezas e generosidades, talvez sejam, mais que palavras, sentimentos que juntos sussurram em coro às portas de nossa mente e de nossos corpos, em busca de uma ética da cumplicidade, da complexidade e da (com)paixão. (ALMEIDA, 1998, p. 19)

E mais:

Pensar uma ética da cumplicidade, da complexidade e da (com)paixão é deixar-se mover por uma estética do pensamento que abre mão dos limites confortáveis da ciência - reino último da palavra, para lançar-se na errância da criação, outra forma de dizer da condição humana. (ALMEIDA, 1998, p. 20)

Como já o dissemos acima, é importante assinalar que a compreensão é o conhecimento por projeção/identificação (Morin) que torna um sujeito inteligível para outro ser-sujeito. Compreensão faz-se na alteridentidade do indivíduo/sujeito, no respeito pela inserção da cultura do outro, na identidade, na diversidade, na inclusão e na igualdade. O sujeito só pode estar completo quando as fronteiras do eu forem ocupadas necessariamente pelo nosso e de todos os outros com os quais nos comunicamos.

Neste mesmo sentido, deparamos com a ética da magnanimidade, que se contrapõe à barbárie e ao preconceito. Compreender a incompreensão, investigando as razões subjetivas e socioculturais que a provocam e a estudar as possibilidades de compreensão e generosidade. É esse procedimento que torna possível o perdão, uma força redentora e regeneradora na direção do outro em forma de solidariedade.

A ética da boa vontade é necessária para assumirmos a condição humana com a sabedoria que integra a racionalidade e a loucura da vida. Não basta ao sujeito a vontade da boa ação, mas de analisar se corresponde ao que gosta para ele, para a sociedade e para o planeta. Isso implica reconhecer a humanidade como uma comunidade planetária

composta de sujeitos que vivem em democracia com consciência de uma comunidade de destino comum.

Por fim, a ética da resistência a fim de combater as crueldades que se desenvolvem no mundo. Romper com a racionalidade imposta. Delineia-se assim a possibilidade de fuga à barbárie a partir de um ser humano menos subornável e brutal. “*Diabolus* é o espírito que separa, mas, se a separação produz o mal, é o produto do surgimento deste mundo que só pode existir na separação” (MORIN, 2005b, p. 192).

A resistência à barbárie humana é o triunfo a crueldade instalada nas relações de dominação e de exploração, de humilhação e de desprezo dos seres humanos. “O bem está sempre ameaçado e sob perseguição. Isso quer dizer que induz a uma ética de resistência” (MORIN, 2005b, p. 193).

O filósofo Pinheiro (2012, p. 42) comenta em seu artigo “Breve parecer reflexivo sobre o problema da sustentabilidade”, que nossos hábitos e práticas “serão mais conscientemente sustentáveis quanto mais formos capazes de combater, não apenas esta ou aquela manifestação de excesso, mas o excesso enquanto força condutora do nosso modo de ser no mundo.”

Logo, o conjunto do aprendizado das vivências (das experiências) ao longo da vida em sociedade, quando sedimentados através de processos reflexivos, é que irão constituir o que poderíamos denominar de vida humana no mundo em suas diferenças, semelhanças e contradições. E isto porque resultam de uma expectativa de transformação, de interação e de interconexão, todas imbricadas de maneira invisível, mas intensamente sendo a solidariedade um valor elementar do ser humano.

### **Referências bibliográficas**

ALMEIDA, Maria da Conceição de; **Cumplicidade, complexidade, (com)paixão**. In: CARVALHO, Edgard de Assis; Conceição, ALMEIDA, Maria da Conceição de; Fiedler-Ferrara; COELHO, Nelly Novaes; MORIN, Edgar. *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **Ternura, compaixão e solidariedade**. In: CARVALHO, Edgard de Assis; Conceição, ALMEIDA, Maria da Conceição de; Fiedler-Ferrara; COELHO, Nelly Novaes; MORIN, Edgar. *Ética, solidariedade e complexidade*. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MARIOTTI, Humberto. **As paixões do ego**: complexidade, política e solidariedade. São Paulo: Palas Antenas, 2000.

MORIN, Edgar. **A ética do sujeito responsável**. In: CARVALHO, Edgard de Assis; Conceição, ALMEIDA, Maria da Conceição de; Fiedler-Ferrara; COELHO, Nelly Novaes; MORIN, Edgar. Ética, solidariedade e complexidade. São Paulo: Palas Athena, 1998.

MORIN, Edgar. **O Método II: a vida da vida**. Trad. Marina Lobo. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2002.

MORIN, Edgar. **O Método IV: as ideias: habitat, vida, costumes, organização**. 4. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2005a.

MORIN, Edgar. **O Método VI: ética**. 2. ed. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Porto Alegre: Sulina, 2005b.

PINHEIRO, Mascos Paiva. **Breve parecer reflexivo sobre o problema da sustentabilidade**. In: Terra; cidades, natureza e bem estar. Giovanni Seabra (org). João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2012.

SANTIN, Silvino. **Educação Física: ética, estética e saúde**. Porto Alegre: EST, 1995.

*Recebido em: 08-09-2015.  
Publicado em: 09-12-2015.*